

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARIA DE LOURDES DANTAS DO NASCIMENTO MACIEL

**AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: UMA ANÁLISE NA CRECHE
E PRÉ-ESCOLA**

**...S-PB
DEZEMBRO - 2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CALAZEDAS - PÁCUA**

MARIA DE LOURDES DANTAS DO NASCIMENTO MACIEL

AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: UMA ANÁLISE NA CRECHE E
PRÉ- ESCOLA

Monografia apresentada à
disciplina de Estágio
Supervisionado em Docência,
como exigência parcial para a
conclusão do Curso de
Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Débia Suênia da Silva Sousa

CAJAZEIRAS-PB
DEZEMBRO -2010

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAIBA



M152a Maciel, Maria de Lourdes Dantas do Nascimento.
Afetividade na relação professor - aluno: uma análise na creche e pré - escola / Maria de Lourdes Dantas do Nascimento Maciel.- Cajazeiras, 2010.
42f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2010.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Relação - professor e aluno. 2. Alfabetização - aluno de creche. 3. Educação infantil. 4. Creche nossa Senhora dos Remedios - Cajazeiras - Paraíba. I. Sousa, Débia Suênia da Silva Sousa. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.064.2

A meus pais, Ozana que estás nas alturas, te amo mãe (*in memoriam*). E Luis Pereira, homem forte, digno, que criou seus filhos numa educação baseada em valores éticos, te amo pai.

A Meus filhos, Rodolfo e Rafaela, filhos queridos e amados, nada do que construí de saberes teria algum sentido se não fosse por vocês.

A minha netinha Júlia, desculpe lindona, agora vovó vai ter mais tempo pra te curtir.

AGRADECIMENTOS

A Deus, responsável maior pela minha vida e que deu forças para vivê-la com dignidade, respeito e humildade.

A Renevaldo, que sem perceber foi o grande incentivador das minhas conquistas.

A minha nora Priscila, que é muito especial, e agüentou um trampo danado.

A minha sobrinha Josiane, pois não sei o que seria de mim sem ela, nesta reta final. Ela foi o máximo. Grande mulher, tenho orgulho de ser sua tia. A educação precisa de você.

A professora Débia, minha orientadora, compilamos nossas idéias e, delas saíram grandes frutos, ela sabe que fez parte disso. Que bacana!

**A educação exige os maiores cuidados,
porque influi sobre toda a vida.**

Sêneca

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I - PERCURSO METODOLÓGICO.....	10
1.1. Local e sujeitos da pesquisa.....	11
1.2. Instrumentos de coleta de dados.....	11
1.3. Tipo da pesquisa.....	14
1.4. A abordagem da pesquisa.....	15
CAPÍTULO II - UM BREVE OLHAR SOBRE AS MUDANÇAS EDUCACIONAIS NA CRECHE E PRÉ ESCOLA.....	16
2.1. Parâmetros em torno da Educação Infantil.....	17
2.2. Relação, afeto e o desenvolvimento motor e cognitivo da criança.....	18
CAPÍTULO III - ANALISANDO VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	21
3.1. A criança como sujeito na relação com o professor.....	22
CAPÍTULO IV – VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM DOCÊNCIA: ANÁLISES E CONTRIBUIÇÕES.....	27
4.1. Estágio supervisionado: suas implicações e possibilidades.....	28
4.2. Princípios norteadores para a realização do Estágio.....	30
4.3. A metodologia de ensino como meio facilitador para o envolvimento afetivo/ e a aprendizagem.....	32
4.3.1. Aulas expositivas.....	33
4.3.2. Atividades de grupo e brincadeiras.....	34
CONCLUSÃO.....	37

REFERÊNCIAS.....	39
ANEXO.....	42

RESUMO

O trabalho monográfico apresentado intitula-se "A relação professor-aluno: uma análise na pré-escola" teve como objetivo identificar como a relação afetiva entre professor e alunos contribui para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. E ainda teve o intuito de analisar as problemáticas geradas pela falta de afetividade. Para a realização destas análises teve-se como base principal os pressupostos teóricos de Wallon, Oliveira, e Kullok. A pesquisa foi desenvolvida na Creche Nossa Senhora dos Remédios na cidade de Cajazeiras – PB, numa sala do pré-escolar II composta de dezessete alunos. A pesquisa definiu-se como estudo de caso e, utilizou-se como instrumentos de coleta de dados observação, entrevistas e, fontes orais, memórias do presente obtidas durante o Estágio Supervisionado em Docência. Durante a coleta e análise dos dados adotou-se uma abordagem qualitativa. Na análise do estágio teve-se como aporte teórico a Nova História Cultural, que utiliza as fontes orais, narrativas e memórias do presente para significar os discursos dos sujeitos que fizeram parte dessa vivência. Portanto, teve-se como percepção final que apesar de todas as problemáticas encontradas na instituição investigada, é possível transformar a prática docente numa relação que envolve afetividade e respeito mútuo.

Palavras-chave: Afetividade. Professor-aluno. Desenvolvimento.

ABSTRACT

The presented monograph entitled "The teacher-student relationship: an analysis in pre-school" aimed to identify how the emotional relationship between teacher and students helps develop cognitive, emotional and social development. And also aimed to analyze the problems generated by lack of affection. To perform these tests had to be based mainly on the theoretical assumptions of Wallon, Oliveira, and Kullo. The research was conducted at Our Lady of Remedies Nursery in the city of Cajazeiras - CP, a room at the preschool II composed of seventeen students. The research was defined as a case study, and were used as instruments for data collection observation, interviews, and oral sources, memories of this obtained during the Supervised Internship in Teaching. During the collection and analysis of the data we adopted a qualitative approach. In the analysis stage has as theoretical foundation of the new cultural history, using oral sources, narratives and memories of this mean to the speeches of people who were part of that experience. So it was taken as the final realization that despite all the problems encountered in the institution studied, it is possible to transform teaching practice in a relationship which involves mutual respect and affection.

Keywords: Affectivity. Teacher-student. Development.

INTRODUÇÃO

Durante o processo histórico que resultou na escola atual, ocorreram grandes mudanças. Mudou-se o modo de ensinar e dos padrões de relações interpessoais entre professores e alunos, exigências da contemporaneidade que não admite mais o uso de métodos tradicionais ou que professores e alunos dividam o mesmo espaço sem ter uma relação de compreensão e respeito mútuo. Nesta perspectiva o presente trabalho busca analisar de que forma a relação afetiva entre professores e alunos influi no desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor destes.

O interesse pela temática se justifica a partir das observações realizadas na Creche Nossa Senhora dos Remédios onde se observou que entre os diversos problemas enfrentados pela instituição o que esteve em maior destaque foi o fato de que as relações entre professores e alunos acontecem sem muitos contatos físicos, com pouca conversa e que dificilmente as crianças eram assistidas no momento do choro, da birra ou durante as dificuldades em realizar as atividades pedagógicas. Essa falta de aproximação, visivelmente, deixava professores e alunos num alto grau de estresse e desentendimento.

Estabelecemos como objetivo principal analisar de que forma a relação afetiva entre professores e alunos contribuem para o desenvolvimento amplo dos alunos, com o intuito de perceber as experiências vividas em sala de aula e identificar os problemas advindos da falta dessa relação.

Para entender essas questões, buscou-se através de leituras, as concepções de Piaget, Vygotsky e Wallon a partir de autores como Kullook e Rossini, que apresentam perspectivas distintas dos primeiros, com relação à temática discutida entendendo a afetividade não apenas no contexto escolar, mas também na relação professor aluno, ou seja, num contexto mais amplo que envolve as relações do sujeito enquanto ser social.

O trabalho monográfico estará dividido em quatro capítulos, conclusão, referências e anexos.

O primeiro capítulo trata do percurso metodológico, que foi dividido em três momentos, objetivando alcançar os objetivos definidos na pesquisa, detalhando o local e os sujeitos da pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, o tipo de pesquisa e como será feita a análise dos dados.

No segundo capítulo, fez-se uma abordagem acerca dos Parâmetros de Qualidade da Educação Infantil, mostrando as significativas mudanças que aconteceram até os dias de hoje, e como tem se configurado no que se refere ao desenvolvimento pleno da criança. Em seguida, foram utilizadas as contribuições de Kullok, a fim de fazermos o entendimento da relação afetiva e do desenvolvimento motor e cognitivo da criança, com intuito de refletirmos em torno da significância que o assunto tem no percurso pessoal e escolar da criança.

No terceiro capítulo foi feita uma análise criteriosa das falas das crianças, coletadas durante a entrevista, com o intuito de conhecer como é a relação entre professores e alunos. Buscou-se também perceber na análise das falas se é respeitado o desenvolvimento das crianças e como são trabalhadas as questões afetivas nas relações interpessoais.

No quarto capítulo são abordadas algumas implicações e possibilidades que o estágio propicia ao aluno do curso de formação de professores, quando este, já tem ou não, experiência com a sala de aula. Em seguida apresentam-se os critérios que nortearam o estágio e possibilitaram o desenvolvimento da prática docente valorizando as relação afetiva entre professores e alunos. Por fim, apresenta-se a exposição das atividades realizadas durante o estágio sendo estas: expositivas, de grupo e brincadeiras.

O produto final da pesquisa acompanhará nossos passos acadêmicos, pois com certeza trarão contribuições significativas para a nossa vida pessoal e profissional, já que como futuros educadores poderemos ver que o ato de educar deve está ligado a afetividade e com o modo de ver e conceber o aluno.

CAPÍTULO I

1. PERCURSO METODOLÓGICO

O presente capítulo tem o objetivo de explicitar e descrever o percurso metodológico visando alcançar os objetivos definidos na pesquisa. Para alcançar os objetivos propostos foi necessário recorrer a recursos metodológicos que viabilizasse uma melhor organização e praticidade nas ações planejadas. Primeiro, recorreu-se ao objeto de pesquisa e o local onde estavam inseridos, ou seja, aos alunos, nosso público alvo. Em seguida, a observação e a entrevista semi-estruturada, as quais vão coletar dados precisos para se chegar ao conhecimento almejado. Por último o estudo de caso, no qual vão nortear a pesquisa e poderão dar oportunidade ao entrevistador, não de intervir sobre o problema, mas conhecê-lo tal como ele surgiu.

1.1. Local e sujeitos da pesquisa

A pesquisa apresentada foi desenvolvida na Creche Nossa Senhora dos Remédios, mantida pela Associação das Antigas Alunas Dorotéias, instituição filantrópica, sem fins lucrativos, conveniada com o Governo Municipal.

A creche funciona em horário integral das sete às dezessete horas, atendendo a 93 crianças, de 2 a 5 anos de idades, nas séries de creche e pré-escola.

O público alvo da pesquisa foram as crianças de 4 a 5 anos da série pré II, o que resultou em três crianças entrevistadas por turmas.

A opção pelas crianças maiores e mais desenvolvidas, dá-se pelo fato de expressarem melhor seus sentimentos, o que facilitou o trabalho do entrevistador.

1.2. Instrumentos de coleta de dados

Utilizou-se como instrumento de coleta de dados as observações realizadas em momentos distintos: na recreação, alimentação e na sala de aula. Como também utilizou-se a entrevista semi-estruturada com alunos, sujeitos da pesquisa. A escolha pela observação foi pelo fato de oportunizar maior aproximação com os elementos da problemática em estudo, e também fornecer os dados necessários para a elaboração do roteiro que irá servir de base na entrevista com os alunos. Conforme, Chalmers (1997):

[...] embora as imagens sobre nossas retinas façam parte da causa do que vemos, uma outra parte muito importante da causa é constituída pelo estado interior de nossas mentes ou cérebros, que vai claramente depender de nossa formação cultural, conhecimento, expectativas, etc. e não será determinado apenas pelas propriedades físicas de nossos olhos e da cena observada. (1997, p. 52).

As observações realizadas foram aliadas às teorias para que se obtenha um maior aprofundamento com relação ao assunto em pauta. De forma mais sistemática e elaborada, conforme o método de Newton a observação é um perigo..., mas ela é também uma das formas mais tradicionais de chegar ao conhecimento científico.

(CHALMERS, 1997).

Nesse primeiro momento em que se deu a observação não houve nenhum tipo de resistência por parte das crianças e da professora, a todo o momento foram prestativos, respondendo sempre as indagações, principalmente as crianças.

Na sala de aula fui apresentada pela professora, que em meio ao barulho e apreensão das crianças falou do motivo pelo qual estávamos ali. Assistimos a aula sem fazer interferências, apenas anotando o que era mais importante para a pesquisa.

Optou-se também como recurso metodológico pela entrevista semi-estruturada, gravada em áudio, pois permite uma maior flexibilidade no trabalho favorecendo explicações de significado das perguntas, podendo também captar as reações do entrevistado, expressões corporais, o tom de sua voz, e também ter um contato mais próximo com o entrevistado. Outro fator imprescindível pela escolha é por não exigir que, a pessoa saiba ler e escrever convencionalmente. Esse fator foi essencial na realização da pesquisa, já que as crianças entrevistadas não dominam a leitura e a escrita de forma convencional. Quivy reforça a tese quanto à escolha pela entrevista semi-estruturada, quando diz:

Apesar do guião elaborado pelo entrevistador, permite que o entrevistado tenha alguma liberdade para desenvolver as respostas segundo a direção que considere adequado, explorando de forma mais flexível e aprofundada os aspectos que considere mais relevante. (1992, p.121).

A entrevista foi transcrita na íntegra pelo entrevistador sem haver nenhuma interferência nas respostas da pessoa entrevistada.

Posterior a entrevista semi-estruturada, partiu-se para um novo momento de observação, este monitorado por um roteiro elaborado pelos alunos da disciplina Prática de Ensino nas Séries Iniciais III, que foi submetido à adaptação e avaliação da professora da referida disciplina.

Nessa segunda, etapa foi solicitado no roteiro que fizéssemos uma observação referente as questões administrativas, organizacional, localização, situação ambiental e interação dos membros que constituem a instituição.

Na solicitação de alguns documentos, tais como Projeto Político Pedagógico (PPP), Calendário Escolar e o Plano de Ensino, constatou-se a ausência do PPP,

este ainda estava em processo de construção.

Com referência a estrutura física a creche possui salas de aula suficientes para a demanda das crianças, como também uma mínibiblioteca, dois dormitórios, uma cozinha, dois pátios para recreação, três banheiros e materiais didáticos pedagógicos essenciais para o desenvolvimento das aulas. Alguns outros recursos faltam como, por exemplo, uma biblioteca e um parquinho.

Quanto à segurança da instituição constatou-se que a creche é toda murada, possui vigilantes à noite.

A observação dos recursos supracitados, teve como objetivo certificar-se de que a creche estava preparada adequadamente para atender às crianças e suas necessidades pessoais e educacionais.

O segundo momento, considerado mais relevante, foi a observação na sala de aula. Nesta parte o roteiro dava ênfase as características profissionais do professor, a organização dos conteúdos, a metodologia e os recursos utilizados, que conseqüentemente abriu margem para observar a segurança e a autonomia nas aulas ministradas pelo educador. Por fim, a participação dos pais e de como é feita a avaliação da aprendizagem dos alunos.

Encerrando esse segundo momento de observação, partimos para a entrevista com as crianças e a professora da sala observada, com objetivo de buscar meios para a elaboração dos planos de aula do Estágio, como também destacar as maiores dificuldades existentes nas relações pessoais tentando com isso melhorar significativamente os trabalhos durante o período do Estágio.

Além dos instrumentos já citados, utilizou-se também como fonte de pesquisa a Nova História Cultural, que enfatiza o uso de fontes ou histórias orais, narrativas e memórias do presente para trazer de volta as vivências do Estágio Supervisionado em Docência, bem como dar significado as narrativas dos alunos, docente titular, estagiária e toda a comunidade escolar que se fez participante neste momento. Usou-se a história oral como instrumento de coleta de dados, buscando representar de alguma forma as narrativas ocorridas durante o estágio, pois segundo Chartier:

O uso da História Oral, bem como das narrativas que dela se originam, estimulam a escrita de uma História que não é uma representação exata do que existiu, mas que se esforça em propor uma inteligibilidade, em compreender a forma como o passado chega até o presente. (CHARTIER, 2002, p. 277)

As palavras de Chartier (2007) resumem o objetivo do uso das fontes orais, apresentando-os como foram entendidas, partindo da percepção de quem a registra. Veyne (1998) concorda com a abordagem de Chartier, relacionando a história a um romance quando diz:

A história é uma narrativa de eventos: todo o resto resulta disso. Já que é, de fato, uma narrativa, ela não faz reviver esses eventos, assim como tampouco o faz o romance; o vivido, tal como ressaí das mãos do historiador, não é dos atores; é uma narração. [...] Como o romance, a história seleciona, simplifica e organiza. (1998, p. 18).

Nesse sentido viu-se a relevância do uso de fontes orais, e também do resgate da memória do presente, refletindo e buscando relacionar com fontes de pesquisas já registradas. Santos (2008) faz considerações em torno da memória:

A memória é a principal fonte dos depoimentos orais e há ligação direta entre o tempo e a história, com o objetivo de construir ligações entre as fontes ou documentos, que podem subsidiar na pesquisa ou formar acervos para os centros de documentação e de pesquisa. (2008, p.3)

O uso da Nova História Cultural foi muito significativo para apresentar as vivências do estágio, pois através das representações feitas das narrativas, memórias do presente e fontes orais, proporcionou uma pequena mostra da realidade.

1.3. Tipo da pesquisa

Pesquisar significa buscar respostas, tirar dúvidas, comprovar ou negar alguma hipótese que se levanta em torno de um determinado problema, para que não nos deixemos influenciar pelas expectativas, deduções, ou fazer julgamentos prévios que nos comprove de estarmos certos ou errados.

A averiguação da pesquisa foi feita através do estudo de caso por estudar apenas 20% dos alunos, quantidade considerada pelo entrevistador significativa para conseguir, através de uma variedade de dados e fatos, coletar informações para sua pesquisa. Rodrigo (2008, p. 3) referenciando Vilabol faz as seguintes

considerações sobre o estudo de caso “em uma investigação que se assuma como particularística, debruçando-se sobre uma situação específica procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico”.

1.4. A abordagem da pesquisa

Optou-se pela abordagem qualitativa por pesquisa não dar ênfase aos dados quantitativos, e também por se tratar de um assunto de cunho social, que procura compreender os fenômenos profundos das relações existentes. Portanto não podendo ser reduzido a preocupações com dados numéricos. Segundo Rose, citado por Matos (2001), utilizamos esse procedimento de pesquisa, obtendo grande quantidade de informação sobre o caso escolhido e, conseqüentemente, aprofundando seus aspectos. Diferencia-se dos estudos quantitativos porque estes últimos buscam obter informações padronizadas sobre muitos casos. Assim, faz-se necessário explicitar algumas características principais de uma pesquisa qualitativa, conforme o trecho citado:

Considera o ambiente como fonte direta dos dados e do pesquisador como instrumento chave; Possui caráter descritivo; O processo é o foco principal da abordagem e não o resultado ou o produto; a análise dos dados foi feita de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador; não requereu o uso de técnicas e métodos estatísticos; e por fim, teve como preocupação maior, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de resultados. (GODOY, 1995,p.580)

Considerando o exposto, em nenhum momento se teve a preocupação com dados numéricos, mas em tentar entender como a relação acontecia entre os “objetos” da pesquisa, com o intuito de coletar dados necessários para fundamentar teoricamente o trabalho que se pretende construir.

CAPITULO III

3. ANALISANDO VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No capítulo que segue, será feita uma análise criteriosa das falas das crianças coletadas em entrevista, com o intuito de entender como acontece as relações entre professores e alunos dentro da sala de aula e em outros ambientes da escola. Nesta análise buscou-se também perceber como a criança é vista, se seu desenvolvimento é respeitado, e como são trabalhadas as questões afetivas nas relações interpessoais.

2.1. Parâmetros em torno da Educação Infantil

Na última década do século XX, falava-se muito sobre a qualidade na educação que passou a ocupar um espaço significativo em debates e direcionou políticas que foram implantadas no quadro de reformas educacionais em diversos países.

Conforme os Parâmetros de Qualidade da Educação Infantil:

No que se refere à Educação Infantil foi marcada pela abordagem psicológica. No início, a preocupação com os supostos efeitos negativos da separação entre a mãe e a criança pequena levou a um questionamento da creche “centrado principalmente nos aspectos afetivos do desenvolvimento infantil. Em um segundo momento sob o efeito das teorias da privação cultural a partir da década de 1960, houve um deslocamento do foco para o desenvolvimento cognitivo da criança, visando o seu aproveitamento futuro na escola primária. O uso de testes psicológicos foi incentivado e os resultados considerados positivos de algumas experiências, principalmente nos Estados Unidos, reforçaram os argumentos em defesa da expansão da oferta da educação pré-escolar para as crianças menores de seis anos. (2008, p. 21)

Considerando o exposto, nota-se que não dá mais para educar a criança de creche e pré-escola como antigamente, quando se priorizava apenas a questão do cuidar. Prevalencia uma visão de educação assistencialista, onde creches e pré-escola serviam de “depósito” para as crianças serem alimentadas e higienizadas, muitas vezes aglomeradas em ambientes inadequados. A educação ficava sob o comando de profissionais desqualificados para o ofício de educar.

Nessa perspectiva, conforme os Parâmetros Curriculares da Educação Infantil (2008), a partir de resultados obtidos nos Estados Unidos, Inglaterra, Brasil e outros países da América Latina, chegou-se a seguinte conclusão de que:

- As crianças que freqüentavam creches e pré-escola de qualidade conseguem se desenvolver melhor nos aspectos afetivos, motor e cognitivo, com isso se desenvolvem melhor na escola primária;
- As crianças que aos seis anos vão diretamente para a escola primária, sem antes ter o preparo inicial, sentem enorme dificuldade em se desenvolver em todos os aspectos;
- Aqueles que freqüentam a creche em horário integral seu desenvolvimento

supera as que ficam apenas meio período;

- As que freqüentam os centros de creches carentes são privilegiadas, pois ficam inseridas a uma população heterogênea, e isso amplia o seu convívio social;
- Que o poder aquisitivo dos pais e o meio onde a criança está inserida é importante para o desenvolvimento da criança, mas mesmo as famílias não tendo esses requisitos havendo uma preocupação dos pais com a educação dos seus filhos futuramente esses problemas serão superados, como também as influências negativas do social.
- As instituições mais formais no qual o currículo é mais sistêmico, o professor é qualificado, e as crianças são distribuídas por idades equivalentes proporcionando assim uma melhor educação.
- As instituições que voltaram o seu atendimento apenas para o bem-estar social foram as que obtiveram resultados insatisfatórios, atrelados à profissionais sem qualificações, com baixa remuneração salarial e com pouca atuação supervisionada.

Diante desses resultados esclarecedores é pertinente destacar a necessidade de a criança ter um aparato financeiro e social para sua sobrevivência e desenvolvimento, mas que quando não se tem, a escola o professor e a família tentem, da melhor maneira possível, cuidar e educar a criança, sem afetar os seus direitos básicos de desenvolvimento afetivo, físico e cognitivo.

2.2. Relação, afeto e o desenvolvimento motor e cognitivo da criança.

Refletimos em torno das atribuições dadas a Educação Infantil pela significância que a mesma tem em todo percurso pessoal e escolar da criança. No pessoal este processo educacional tem papel relevante, pois é nesse período que se desenvolve e começa a aprimorar as relações afetivas e sociais para serem desenvolvidas ao longo da vida. E além do desenvolvimento das relações afetivas e sociais é na educação infantil que se tem as primeiras noções da educação escolar, pois ainda neste período já se busca desenvolver os aspectos cognitivos e motores das crianças, fazendo-as conhecer e entender como serão seus processos futuros de alfabetização e letramento.

Diante, do exposto segundo Kullook, a educação deve estar organizada da seguinte forma.

Aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as demais aprendizagens. (2002, p. 10)

O processo de aprender a conhecer não está intrínseco em saberes condicionados, limitados a repertórios de informação, mas em um aprender que aguça a memória, atenção e o pensamento da criança, porque é a partir do conhecimento que a criança está apta para aprender a fazer e a construir novos saberes e novos conhecimentos, ser um sujeito ativo, participativo, no qual seja influenciado e possa influir no meio onde ele esteja inserido.

Portanto, essa maneira de conceber o ensino é relatada por Kullook, da seguinte forma:

[...] este processo de ensinar implica em uma nova forma de conceber a sala de aula, que deverá não ser mais apenas um local de transmissão, mais principalmente um espaço de construção de conhecimento. Para que isso ocorra é necessário que o professor reveja o seu modo de ensinar e de conceber o ensino. (2002, p. 10)

Para tanto, faz-se necessário que o educador tenha uma nova visão de educar e tenha como base uma proposta de educação afetiva, pois a falta de afetividade impede, muitas vezes, que o professor perceba as dificuldades emocionais e cognitivas dos alunos, quando isso acontece costumam surgir situações de conflitos entre professores e alunos. Nesse sentido, Rossini pontua “as crianças que possuem uma boa relação afetiva, são seguras, tem interesse pelo mundo que as cerca, compreendem melhor a realidade e apresentam melhor desenvolvimento intelectual.” (2001, p. 9).

O aprender a viver juntos acontece a partir do convívio e da relação com o outro com diferentes histórias, modo de agir, de pensar. Essa afirmação não difere a criança uma da outra independentemente de sua origem social, política e religiosa, sendo assim, é importante que o professor de educação infantil valorize as relações

interpessoais na sala de aula, não somente aluno-aluno, mas que a todo momento o professor interaja com seu aluno e tente analisá-lo em todos os seus aspectos.

É importante destacar que a criança ainda pequena, em fase de desenvolvimento, vai para a escola e necessita de um atendimento especializado, pois pertencia, até então, ao grupo familiar, no qual recebia o cuidado dos pais, dos irmãos e de parentes mais próximos. Quando chegam à escola passam a fazer parte de grupos diferentes. Essa situação, na maioria das vezes, causa um grande susto à criança, gerando situações bem difíceis de ser controladas pelo professor, ou seja, fazem birra, choram muito e não aceitam o professor e os seus colegas, como bem destaca Kullok "nesta fase o professor tem papel importante desenvolvendo na criança o espírito de cooperação e solidariedade". (2001, p. 55).

Ser educador não é apenas pautar os seus ensinamentos em torno do ato pedagógico, mas preparar a criança em todos os níveis de desenvolvimento, principalmente o emocional, porque é através da emoção que a criança é sensibilizada para as demais aprendizagens e para estabelecer relações afetivas com seus pares.

Vale salientar que o professor, além de manter esse relacionamento afetivo com a criança, conheça também o processo de desenvolvimento psicológico da mesma, para tomar decisões assertivas nos momentos certos. O conhecimento que o educador deve ter não pode ser aleatório baseado apenas na prática do dia-a-dia, devem estar fundamentados em teorias comprovadas, cientificamente, por pessoas especializadas no assunto. Destacando que a prática cotidiana precisa ter como base três saberes necessários à prática docente, sendo estes: saberes experienciais, pedagógicos e científicos.

Para aprender a ser, só é possível a partir da educação e para isso é preciso que essa educação esteja envolvida por momentos de prazer, no qual a família, alicerce maior, ampare a criança com os primeiros ensinamentos. Quando essa chegar à escola, o professor deve aproveitar seus conhecimentos, e a partir deles e das trocas de experiências despertar na criança sua inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade, a fim de formar um cidadão crítico reflexivo, capaz de confrontar os problemas práticos do dia-a-dia, da sociedade onde esteja inserido, sem sofrer ou causar prejuízo tanto moral quanto profissional.

CAPÍTULO II

2. UM BREVE OLHAR SOBRE AS MUDANÇAS EDUCACIONAIS NA CRECHE E PRÉ-ESCOLA

Nesse capítulo será feito uma breve abordagem acerca dos Parâmetros da Qualidade da Educação Infantil com o intuito de explicitar os paradigmas e as mudanças que ocorreram na educação da creche e pré-escola, apontando como esta se dá na atualidade, e como está configurada no que concerne aos aspectos: afetivo, motor e cognitivo a partir da relação professor-aluno. Em seguida, serão explicitadas as contribuições de Kullok em torno do desenvolvimento da criança, algumas observações e reflexões com a pretensão de levar o professor, e os que trabalham diretamente com as crianças, refletirem sobre suas atitudes. Compreendendo-as em toda a sua dimensão já que as atitudes das crianças são frutos do seu processo de desenvolvimento pessoal.

3.1. A criança como sujeito na relação com o professor

A escola e a família educam as crianças de acordo com referências distintas, embora ambas queiram dar as crianças a melhor educação possível.

A família cuida da construção e da formação moral e ética da criança, ou seja, a criança aprende as normas sociais e a base fundamental de uma educação doméstica, voltada para a relação social entre indivíduos da comunidade.

Por outro lado, a escola responde pela educação e pela formação intelectual da maioria das crianças. A família como responsável maior pela criança é quem decide qual o tipo de educação o filho vai ter, que ambiente institucional deve frequentar, e o que é necessário aprenderem para que tenham um futuro promissor.

Dentro desse contexto, as famílias também querem que seus filhos sejam educados integralmente pela escola, tendo em vista que a mesma fornece valores morais, princípios éticos e padrões de comportamento, além de conhecimento sistematizado.

No momento atual, sabemos que cuidar e educar crianças, de dois a cinco anos de idade, não é tarefa fácil. O educador da Educação Infantil precisa, antes de tudo, ter uma postura político pedagógica pautada no princípio de que a criança tem características próprias e necessidades diferenciadas das crianças de outras faixas etárias. Assim, elas necessitam de cuidados especiais, atenção, paciência e afeto por parte do adulto, para que seu desenvolvimento posterior não seja gravemente prejudicado. De acordo com Vygotsky citado por Melo "o bom ensino é aquele que garante a aprendizagem e impulsiona o desenvolvimento". (2004, p. 143).

É necessário que o educador respeite o processo de desenvolvimento da criança, pois é na infância que a afetividade e a cognição se desenvolvem com mais facilidade, e no momento certo, proporcionando assim as relações interpessoais. A sala de aula, os momentos da brincadeira são essenciais para que o educador observe, e ao mesmo tempo, participe desses momentos, pois é na interação com a criança que o mesmo construirá vínculos de afeto e as crianças passarão a respeitá-lo.

Durante as situações observadas, como também nas falas das crianças, não foi difícil analisar que para elas estava obscuro falar da relação com o outro, conforme o que disseram ficou evidente que as relações entre alunos e professores

sempre acontecem apenas como processo de aprendizagem e não como convivência escolar. Foi possível perceber esse fato na fala de um dos alunos quando diz "Gosto de tia porque ela faz tarefa c'á gente e chama meu nome" (Aluno 1, 5 anos, entrevistado 07/04/2010).

É essencial que o educador tenha a preocupação com o processo cognitivo das crianças, mas para que esse processo seja harmonioso e de cumplicidade, é importante que seja trabalhado primeiro a emoção da criança, sensibilizando-as com conversas e atitudes, demonstrando-as que há um grande interesse em construir laços de amizade e confiança. Mostrar que a sala de aula não se resume apenas ao processo de cognição, ou seja, professor ensina e aluno aprende, mas deve ser também um espaço onde se fala, se escuta, se relaciona, se quer bem, deixando os alunos sentirem-se importantes no processo educativo, voltado para a afetividade, a emoção e a humanização. Conforme Zabalza pontua:

Não porque nesta etapa do desenvolvimento os aspectos emocionais desempenham papel fundamental, mas porque, além disso, constitui a base ou a condição necessária para qualquer processo nos diferentes âmbitos do desenvolvimento infantil. Tudo na educação infantil é influenciado pelo os aspectos emocionais; desde o desenvolvimento psicomotor, até o intelectual, o social e o cultural. (1998, p. 51)

Portanto, analisar ou rever suas perspectivas em relação ao processo de ensinar requer do educador uma nova forma de ver e conceber a sala de aula e seus alunos. Nesse sentido é relevante que o educador procure conhecer seu aluno "amíúde", na vida pessoal, na sala de aula e em todos os momentos que constituem os processos de ensino. A maioria das crianças tem a necessidade de serem reconhecida e valorizada pela sua identidade, como pessoas únicas, nunca como pessoas iguais, ou com problemas iguais. Isto faz do ensino um trabalho complexo e de alto risco "a primeira competência do professor é aceitar essa complexidade e reconhecer os implícitos do ofício" (PERRENOUD, 2000, p. 51).

Outro aspecto que chamou atenção foi em relação aos "erros" que as crianças cometiam na sala de aula. De modo que as falas em geral apontavam para uma educação punitiva, conforme relato do aluno: "ela bota de castigo e fala muito alto" (Aluno 2, 07/04/2010). Esse fato foi confirmado durante as observações, pois as atitudes tomadas pela professora, submetendo as crianças a castigo, pouco

contribuíam para que elas reconhecessem que estavam fazendo algo errado, de desagrado ao professor. As punições aconteciam sempre da seguinte forma: deixando a criança separada das demais ou levando-a até a diretora para que a mesma tomasse a atitude pela professora. Durante o momento do isolamento a criança ficava sem produzir ou era tratada com indiferença, não havendo nesse momento uma conversa que tentasse sensibilizar a criança mostrando a mesma que suas atitudes eram inapropriadas para o momento, e que estas, estavam dificultando as relações interpessoais o processo de ensino e aprendizagem.

A escola enquanto espaço democrático deve promover uma educação dialógica sendo esta a principal meta de sua prática educativa. Pois o processo de ensino-aprendizagem nessa perspectiva compromete-se em formar um aluno crítico e apto a ter uma relação mais próxima, mais parceira e afetiva com seu professor, como afirma Fernandez e Viola:

O diálogo, assim entendido representa um embate constante entre autoridade não autoritária, advinda do conhecimento e da liberdade para o desenvolvimento crítica e a criação de novos saberes tanto dos aprendizes como dos professores. (2004, p.5).

Para pensar na pedagogia afetiva, primeiramente teríamos que dá espaço ao diálogo propiciando a criança o direito de se expressar livremente não achando que ela está sempre agindo na hora errada, ou que tudo que faz está errado. É necessário que saibamos avaliar para entender até onde chega a sua necessidade de expressão e de agir, para que mais tarde não se torne um aluno amedrontado, desmotivado, incapaz de se expressar e de emitir opiniões.

A escola precisa valorizar a criança respeitando-a, e ao mesmo tempo ensinando-a a respeitar. Isso envolve comprometimento do professor em desenvolver no aluno sentimento de auto valorização e importância. Nesse ponto, o professor deve está atento a estabelecer uma intervenção pedagógica que seja baseada na afetividade e colaboração. Nesse sentido, a afetividade está em jogo e vai valorizar a criança enquanto sujeito social e de aprendizagem.

Pode-se dizer com isso que o afeto é o princípio norteador da aprendizagem, à medida que serve de suporte para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, pois ao mesmo tempo em que a escola passa a ser um novo campo de aprender, surgem novos problemas, situações limites e desafios que a criança precisa resolver.

Nisso está à parte significativa de sua aprendizagem, o importante é que esse desafio não seja maior que sua capacidade, pois quando é maior que sua capacidade, quando as exigências se tornam muito altas, a criança sofre um processo de "impotência", aflorando ansiedade, conflitos, estresse e baixa auto-estima. Assim a criança que convive num processo, no qual o seu valor é respeitado, a mesma sente-se segura e torna-se intelectual e emocionalmente capaz.

Nesse sentido, a postura do professor em sala deve estar relacionada ao comportamento e aos sentimentos dos alunos na busca de identificar a melhor postura educativa para realizar o processo de aprendizagem, pois lidar com situações problemas deve ser o objeto de ensino prioritário do professor, já que a maioria dos alunos vivem uma realidade extremamente difícil, necessitando de uma prática educativa pautada na compreensão e de auto-entendimento. O professor precisa entender que o seu projeto deve ser interdisciplinar valorizando todos os alunos e toda complexidade sem excluir aqueles que são chamados alunos "problemas" e envaidecer aqueles chamados "bonzinhos", apesar de haver o dualismo, o professor não pode, e nem deve, privilegiar uns e menosprezar outros.

Ainda buscou-se saber como a educadora agia com as crianças que não são alunos "problemas" e fazia tudo certinho conforme o almejado pela educadora, a criança sem nenhum constrangimento revela que a professora diz: "tá bem bonitinho, vai ganhar brinquedo".

Conforme percebemos os alunos considerados problemas eram alvos de punição enquanto aqueles que faziam tudo certinho, eram enaltecidos com elogios, diante dos demais. Dentro desse contexto, inconscientemente, o professor agride a moral da criança levando-a a criar situações de conflitos corriqueiramente na sala de aula, por se sentir rejeitados, desprivilegiados em relação aos demais.

A relação professor-aluno nesse contexto se caracteriza por apresentar um quadro de atenções variadas, as quais podem interferir tanto no comportamento do professor quanto no comportamento do aluno. No entanto, o professor deve ter bastante cuidado para que a variação do seu comportamento não prejudique o seu lado profissional, pois cabe a ele ter uma postura ética e política para saber lidar com as variedades de comportamento das crianças, para que não provoque no aluno um sentimento de repulsa e de desprezo em relação ao professor.

Lembramos que a aprendizagem é uma construção histórica e social (FREIRE, 1996), na qual interferem os fatores de ordem cultural e psicológica. E no

espaço da sala de aula onde alunos e professores atuam como co-responsáveis; ambos têm influência decisiva para o êxito do processo de aprendizagem. O professor e o aluno de acordo com Libâneo (1994) são categorias presentes na sala de aula, onde cada um é dotado do seu próprio discurso, suas experiências e visões de mundo distintas. Por isso, o conflito e as contradições são inevitáveis. No entanto, isso pode ser superado pelo desenvolvimento de uma prática educativa afetiva, cooperativa na qual o professor e o aluno possam conhecer os seus limites e trabalhar para o bem dos dois, com parceria, amizade e respeito mútuo.

No exercício de sua prática docente a postura do professor deve ser de estimular e orientar a criança incentivando-a a aprender mais e conviver da melhor forma possível com o outro. Ele deve interagir com seus alunos, passando-lhe não só o conhecimento, mas também valores éticos, morais e sociais, que ajudarão os alunos na maneira com que se relacionarão com o mundo e com as pessoas que o cercam.

CAPÍTULO IV

4.VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM DOCÊNCIA: ANÁLISES E CONTRIBUIÇÕES

No decorrer deste capítulo, serão abordadas algumas implicações e possibilidades que o estágio propicia ao aluno do curso de formação de professores, quando este, já tem ou não experiência com a sala de aula. Logo depois, apresentar-se-ão os critérios que nortearam o estágio e possibilitaram o desenvolvimento da prática docente, e também a relação afetiva entre professores e alunos. Por fim, apresenta-se a exposição das atividades realizadas durante o estágio sendo estas: expositivas, de grupo e brincadeiras.

4.1. Estágio supervisionado: suas implicações e possibilidades

Neste capítulo será feita uma análise do Estágio Supervisionado em Docência com base na Nova História Cultural, que se utiliza de memórias do presente, narrativas e fontes orais. Para subsidiar esta análise utilizou-se o pensamento de alguns autores como Chartier (2007), Veyne (1998) Neves (2003) e Santos (2008) que ressaltam a importância da nova História Cultural para este tipo de análise.

Nesse sentido, Santos apresenta como as narrativas resgatam o passado, logicamente não fazer reviver o que já se passou, mas o reconstitui como segue:

[...] a narração pode ser considerada como uma reconstituição do passado a partir do presente. As falas correspondem ao acesso da consciência da pessoa. Neste processo de reflexão, a narração como procedimento de pesquisa serve, ao mesmo tempo, como alternativa de formação, pois permite desvendar os mistérios do próprio sujeito que, muitas vezes, não tinha sido estimulado a expressar organizadamente esses pensamentos. (2008, p. 12).

Desse modo, percebe-se que as narrativas são formas de trazer de o passado de volta, sabendo que envolverá a subjetividade de quem as narram, isto é, o narrador pode expor seus sentimentos de acordo com seu estado de espírito no momento de narração. Além das narrativas, Neves afirma que as fontes orais dão grande suporte para reavivar o que já aconteceu, ...

[...] o maior desafio da história oral [...] é contribuir para que as lembranças continuem vivas e atualizadas, não se transformando em exaltação ou crítica pura e simples do que passou, mas sim em meio de vida, em procura permanente de escombros, que possam contribuir para estimular e reativar o diálogo do presente com o passado (2003, p. 27).

Diante dessa análise, sabe-se que, ultimamente, estudos mostram que a disciplina "Prática de Ensino", tem assumido um grande destaque no curso de formação de professores. Além de proporcionar um elo entre as demais disciplinas vistas durante a graduação, oportuniza aos futuros educadores conciliar a teoria estudada durante todo o curso com a prática, possibilitando, ao mesmo tempo, o desenvolvimento da práxis pedagógica.

É sob essa perspectiva que o Estágio serve como instrumento articulador entre teoria e prática, e a partir da prática, o estagiário irá conhecer, de fato, a realidade do seu campo de estágio, ou seja, escola e o cotidiano da docência.

Quando se fala em conhecer a escola não significa falar apenas da parte física organizacional e burocrática, mas de como realmente define o seu papel como instituição produtora do conhecimento.

E o cotidiano da docência a que nos referimos parte dos privilégios que o Estagiário terá para vivenciar experiências pedagógicas, a partir dos conhecimentos adquiridos e das problemáticas identificadas e vivenciadas na escola de campo.

Sabemos que somente o estágio não garante e nem prepara suficientemente o estagiário iniciante para a docência, mas propicia uma noção de como atuar na sala de aula, como refletir e reafirmar sua escolha pela profissão. Conforme ouvimos depoimentos e presenciemos atitudes dos professores que já atuam na área boa parte, só leciona por não ter outro emprego. Eles não se realizam com a profissão que exercem, conforme Pimenta (2004) pontua: "essa perspectiva está ligada a uma concepção do professor que não valoriza sua formação intelectual" (p. 36).

Quanto aos profissionais que já atuam no magistério e são realizados profissionalmente é o momento de fazer uma ressignificação da sua escolha como educador, tendo esse momento como propósito de formação contínua. Momento este de fazer uma reflexão do fazer pedagógico à luz de teorias educacionais que darão subsídios à prática docente, refletindo sobre sua prática e a reconstituindo constantemente, tentando sempre construir um novo jeito de caminhar e mudar sua prática, tomando-se um agente transformador de opiniões. Barreiro diz que "é na ação refletida e no redirecionamento de sua prática que é possível, ao docente ser agente de mudanças, na escola e na sociedade". (2006, p. 88)

Apesar de já termos experiência no magistério e conviver com as dificuldades que permeiam a realidade do processo escolar como um todo, fomos pegos pela ansiedade, dúvidas e preocupações, pois invadimos a privacidade de um professor e seus educandos. Por isso cautela, compromisso e responsabilidade foram critérios utilizados durante os dez dias que foi desenvolvido o nosso Estágio na Creche Nossa Senhora dos Remédios, no pré-escolar.

Uma das maiores preocupações foi deixar claro para as crianças que estávamos ali, para fazer um trabalho por pouco tempo, já que no nosso primeiro contato, umas delas quis saber da professora titular, e foi dito que ela ficaria a todo

momento na sala de aula, e que durante aqueles dez dias elas teriam duas professoras. Viu-se que os alunos estavam inseguros com a chegada da estagiária, mas logo cuidou em desconstruir essa ideia, criando ambientes agradáveis de convivência e aprendizagem. Nesse sentido, Rios (2001), aponta que “não basta ser criativo é preciso exercer sua criatividade na construção do bem-estar coletivo”. (p.108).

4.2. Princípios norteadores para a realização do Estágio

Por ter presenciado durante as observações um quadro de relações afetivas bem variadas que interferiam e, prejudicavam o comportamento tanto das crianças como do professor, foram adotados alguns critérios que se julgaram necessários para nos relacionarmos da melhor maneira possível com a turma. Destacados a seguir:

Avaliação do comportamento e da aprendizagem – essa atividade fez parte constantemente da rotina de sala de aula. O seu caráter não foi de rotular a criança nem o professor, mas teve uma função diagnóstica e orientadora. A estagiária nesse momento tentou sensibilizar a turma que a avaliação não é apenas um indicador de quantificação, mas sim um indicador de aprendizagem, e que tudo isso fluiria com mais intensidade se fossem respeitados alguns critérios e se tivéssemos uma relação amigável e afetiva.

Competência do professor – sabe-se que o desempenho do professor depende muito de sua qualificação e também da vontade de ser um bom profissional, portanto, a ação didática foi planejada com bastante profissionalismo, definindo os objetivos, selecionando conteúdos e os transmitindo de forma clara, objetiva, interagindo com a criança, fazendo com que ela absorvesse conteúdos e outros ensinamentos de cunho social e ético, através de atividades diversificadas. Constata-se o fato conforme Diário de bordo (03/09/2010), período que se planejou o encerramento da semana do Folclore:

Elaboramos o nosso plano em três etapas, a primeira com brincadeiras dirigidas, a segunda com brincadeiras de roda e a terceira etapa com um pic-nic, com algumas comidas típicas da nossa região.

Criou-se também um elo de confiança que foi essencial para uma promoção sadia do saber, mesmo quando, em alguns momentos, os alunos mostraram sinais de indisciplina e precisou-se usar uma postura ríspida para não perder a autoridade diante da criança e do professor titular. O diário de bordo apresenta claramente um momento onde foi necessário o uso da autoridade para mostrar aos alunos que era preciso ter concentração para que houvesse aprendizagem, como segue:

Após o conto convidei uma aluna para fazer o reconto, pois percebi que a mesma não se concentrou em nenhum momento, e sem jeito ela falou: - "Eu não sei!... falei: - você sabe o porquê de você não saber? – Não! Respondi: - Você não sabe, porque você não prestou atenção, não é justo quando uma pessoa está falando à outra não ouvir. Posso continuar? Todos responderam: - Pode. (31/10/2010).

Clareza na exposição dos conteúdos – esse item por se tratar do estágio ter ocorrido numa sala do pré-escolar, foi adotado nas apresentações dos conteúdos, nas explicações, nos exemplos, nos esclarecimentos de dúvidas, dentre outros aspectos vivenciados na sala de aula.

Respeito às ideias e opiniões dos alunos – essa valorização representou um crescimento significativo para o processo de uma boa relação, também valorizou os alunos em todos os aspectos, procurou-se aplicar suas idéias nos exemplos, comparar com outras, sintetizou-se o que o aluno falava, clarificando melhor suas idéias para que todos pudessem entender. No Diário de bordo (08/09/2010), essa valorização acontece a partir da narração feita pela estagiária quando se trabalhou a semana da Pátria:

Após assistir ao DVD, cantei a estrofe da música onde diz "Pátria amada Brasil", nesse momento comecei a fazer indagações, se eles já conheciam a música, se gostaram e em seguida perguntamos: - Vocês sabem o que é Pátria? A partir das respostas deixamos claro o significado da palavra.

Ter entusiasmo – procurou-se nesse aspecto passar para o aluno alegria, foi demonstrado que havia muito prazer em desenvolver aquelas atividades, e que, o pouco tempo que ficássemos com eles teríamos uma boa relação. Conforme confirma Oliveira:

Nessa perspectiva os vínculos que a criança forma com o professor de Educação Infantil, favorecem a superação dos obstáculos que ela encontra em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, permitindo maior flexibilidade em seu comportamento. (2007, p. 220).

Ainda pensando em criar uma convivência que valorizasse o aluno, o impulsionando a buscar novas aprendizagens, procurava-se sempre elogiar as atividades realizadas pelos mesmos, fazendo críticas construtivas, motivando-os a participarem mais das atividades.

4.3. Atividades diversificadas como meio facilitador para o envolvimento afetivo/ e a aprendizagem

Quando se fez-se a opção de trabalhar afetividade na relação professor-aluno, não foi um tema que surgiu de imediato, foi pela vivência durante as observações na creche, a extrema dificuldade no relacionamento afetivo entre alunos e professores. Conforme já foi dito anteriormente essa relação acontece, mas sem um contato direto, onde a criança possa sentir-se segura, protegida e próxima do professor.

Diante dessa realidade, surgiu uma enorme preocupação em planejar atividades que facilitassem essa aproximação e ao mesmo tempo contribuísse significativamente com a nossa prática docente e com a do professor que nos oportunizou realizar o nosso trabalho na sala de aula.

Convém chamar a atenção que, além da preocupação com os aspectos mencionados, também houve a preocupação de planejar aulas bem prazerosas, pois aprender com prazer significa não valorizar apenas processos cognitivos, mas a carga afetiva que está envolvida no processo de construção. Dessa maneira Dantas referenciando Wallon enfatiza que: "A dimensão afetiva ocupa lugar central tanto na construção da pessoa quanto do conhecimento". (1992, p. 89).

Dentre as inúmeras metodologias as quais julgou-se necessária para desenvolver o trabalho, priorizou-se aquela que nos ajudariam a melhorar a relação afetiva entre alunos e professores, tais como: aulas expositivas, atividades de grupo, brincadeiras dirigidas e atividades escritas.

Essa observação nos permitiu um processo dinâmico dentro das situações

reais as quais vivenciamos durante o estágio. Para que todas as atividades fossem desenvolvidas de forma dinâmica, foi de fundamental importância a supervisão do professor orientador, conforme pontua Pelozo: “O professor de prática de ensino ao coordenar o estágio auxilia o aluno estagiário a estabelecer essa relação entre teoria e prática ultrapassando o senso comum e pensando cientificamente”. (2007, p. 3)

4.3.1. Aulas expositivas

Geralmente, ainda há uma grande resistência de o professor sair do padrão tradicional de ensino. Corriqueiramente se encontra nas creches e pré escolas, salas de aula com mesas e cadeiras enfileiradas, crianças bem comportadas, uso do lápis e papel como método primordial para que aconteça a aprendizagem, além disso, alunos que falam apenas o necessário é considerado oportuno pelo professor.

Foi um desafio mudar a rotina, como também inovar as metodologias da sala de aula, mas não foi impossível. Houve a opção pelas aulas expositivas, estas oportunizaram trabalhar problemas vivenciados durante as observações: sair do padrão tradicional de organização, oportunizar as crianças falarem, mas com respeito a fala do outro, trabalhar a leitura e a escrita de forma dinâmica, e preencher com outra metodologia, os dias que a instituição não fornecer folha de papel ofício.

Outra estratégia utilizada foi com relação às histórias infantis, quando líamos sempre fazíamos interpretação através de indagações. Procuramos também envolver questões que ressaltassem as problemáticas vivenciadas no nosso dia-a-dia, tendo como exemplo a citar, o desmatamento, as queimadas e os malefícios do fumo, dentre outras que geralmente surgiram a partir das falas das crianças, enriquecendo o tema em estudo.

Deixar a criança participar foi extremamente significativo, conforme nossas observações a professora titular lia as histórias, fazia as indagações e não oportunizava a criança de falar, porque tinha de cumprir a risca, o planejamento diário. Esta atitude, infelizmente, tirava da criança o direito de falar e dificultava as relações que poderiam nesse momento aflorar. Ao contrário do professor titular, para nós, estes momentos foram determinantes para saber um pouco da vida pessoal dos nossos alunos. Sempre que estávamos trabalhando com o tema, procurávamos falar

um pouco de nós mesmos, da nossa família, do nosso dia-a-dia, e com isso conseguíamos criar vínculos de amizade. Esta abertura abriu margem para as crianças falarem coisas pessoais que nos deixaram a par da sua realidade, comportamento. Tivemos depoimentos que nos abalaram imensamente.

Nesse dia trabalhamos com a lenda do Saci Pererê, e por o personagem fumar cachimbo, aproveitamos para falar sobre os malefícios do fumo, uma das crianças fez referências a seu pai. Como confirma o Diário de Bordo: “Em um determinado momento, quando falávamos sobre os malefícios do fumo, uma das crianças falou que seu pai fumava, bebia muito e batia na família”. (31/08/2010).

Apesar de nos comovermos, mostramos naturalidade, colocamos a criança bem perto da gente, explicando-a que algumas pessoas mesmo sabendo do mal que o fumo traz, ainda continuavam fumando.

Diante dessa problemática viu-se que muitas crianças vivem na sua própria casa situações adversas, que mexem com suas emoções, e conseqüentemente podem atrapalhar as relações afetivas com seus iguais.

4.3.2. As atividades de grupo e brincadeiras

Trabalhar em grupo foi uma experiência bem prazerosa, pois deixamos as crianças bem próximas uma das outras e participamos intensamente das atividades. Foram trabalhados também outros problemas que foram vivenciados enquanto observávamos o comportamento da turma, dentre eles: dificuldades em dividir o material escolar, brinquedos, tendência em bater nos colegas quando eram contrariados em meio a essas situações.

Temos como exemplo o primeiro dia em que fomos trabalhar utilizando o alfabeto móvel para formar o banco de palavras, foi um desafio indescritível, as crianças brigaram e chegaram a arremessar peças uns nos outros, porque alguém queria ficar com todas as peças. Não foi fácil ver a cena, mas de imediato tomamos uma iniciativa. Conforme está registrado no Diário de Bordo:

Na atividade de grupo para formar o banco de palavras, fiquei abismada, as crianças puxavam as peças sem querer dividir com os outros, respirei fundo, falei com calma pedindo que soltassem as peças e colocassem no meio da mesa. Elegi uma pessoa do grupo

para formar as palavras e as outras iriam procurar as letras, houve resistência, mas logo a paz reinou. (01/09/2010).

Mas uma vez contornamos a situação sem ter sido necessário nenhum constrangimento, tanto para as crianças como para o professor. Essa seria a última coisa que gostaríamos que acontecesse “criar constrangimento”, essa atitude não seria agradável, já que estávamos ali para criar uma relação afetiva e de respeito junto às crianças. Em diversos momentos fez-se um exercício de observar e avaliar a turma buscando conhecê-la ao máximo, e nesse momento percebeu-se que também éramos avaliados pela docente titular, a prova disso está na narrativa do estágio anotada no Diário de bordo que segue:

Logo a professora veio até mim e falou: - você viu como é difícil? Respondi: - Eu sei professora, realmente é muito difícil, precisa gostar muito do que faz, são apenas crianças se você trabalhar atividades que exijam regras devagarzinho você vence as dificuldades. (01/09/2010)

Superados esses contratempos, inseriu-se a brincadeira na sala de aula, que geralmente era planejado para o horário do banho, momentos estes que terminavam as atividades escritas eram colocados jogos, carros, brinquedos de casinha, bonecos e animais. Sempre se brincava junto com as crianças, seja nas mesas com os jogos, ou no chão arrumando a casinha das bonecas. Essa experiência foi muito parecida com a tentativa de formar o banco de palavras. Sempre algum aluno tentava tirar o brinquedo do outro ou não queria deixar brincar, gerando brigas e confusões.

Diante das dificuldades encontradas nas atividades já citadas, começou-se a planejar as aulas contemplando temas que propiciasse melhorias nos relacionamentos, para que se amenizassem os frequentes conflitos, pudéssemos ter atitudes de companheirismo e cooperação. Isso era feito chamando as crianças para conversar explicando que o material que estava disponível era da escola, tudo que tinha ali era para ser dividido e de acesso a todos, pois as outras crianças que ali estavam tinham os mesmos direitos e se alguém não colaborasse, este sim, sairia da brincadeira.

Observou-se que essa prática de orientar as crianças durante as brincadeiras ou até mesmo na aula não era comum, pois a docente titular fez comentários

dizendo: "Por isso que eu não gosto de dar esses brinquedos, eles não sabem brincar juntos, sempre terminam brigando". É importante ressaltar que é difícil lidar com crianças e principalmente quando os mesmos têm que compartilhar objetos, mas é tarefa do professor orientá-las e insistir neste tipo de prática, pois os alunos acabam se habituando. Estas atividades propiciam a criança oportunidade de vivenciar experiências ricas, complexas e variadas, ampliando seus relacionamentos pessoais entre os quais, os sentimentos e as emoções. Wallon amplia mais a importância da atividade em grupo quando diz: "O grupo infantil é indispensável a criança não somente para a aprendizagem social, mas também para o desenvolvimento da tomada de consciência de sua própria personalidade". (1986, p. 25).

Posteriormente enquanto conversávamos com a professora titular e as crianças brincavam livremente com os brinquedos, uma determinada criança bateu na outra, foi então necessário conversar com elas, exigimos pedido de desculpas por parte da criança, caso contrário, as crianças não iriam participar da brincadeira no pátio. Neste momento teve-se a ajuda da professora titular para regularizar a situação.

Foi difícil convencer uma das crianças na ocasião, houve resistência, enfim continuou-se com a aula, mas durante um instante de distração uma das crianças pediu desculpas ao colega. Valorizar a ação da criança foi extremamente necessário já que numa relação deve se enfatizar o respeito ao outro, conforme contempla o Diário de Bordo (02/09/2010), mostrando como a estagiária se portou diante da situação: "[...] não deixei sua atitude passar despercebido, parabeneizei-o e prometi que na próxima aula ele seria o ajudante do dia".

CONCLUSÃO

As reflexões tecidas em torno da afetividade no processo de ensino aprendizagem demonstraram que é possível modificar a concepção de educação. É possível supor, então, que na prática do professor, essa dimensão pode constituir o primeiro passo para a inserção de um processo de transformação. Transformar é inserir na escola nova maneira de encarar o ensino e a aprendizagem; é também a criação de um espaço democrático, de reflexão de diálogo e de cooperação entre os atores do fazer pedagógico – o educador e o educando.

Diante do exposto percebe-se que a escola atual apesar de já ter alcançado algumas mudanças bem significativas como escola democrática, ainda carrega no seu bojo um modelo de prática bem conservadora, centrada na transmissão do conhecimento, na formação de uma conduta passiva do alunos com um grande distanciamento afetivo entre aqueles que constituem a sala de aula.

O grau de formalidade em que são direcionadas as atividades na sala de aula e nos demais espaços da escola controla a criança o tempo todo. Logo, cedo ela aprende o significado de “ser comportado” que faz referência a ficar sentado ocioso por bastante tempo sob a vigilância do professor, ficar de boca fechada enquanto o professor expõe o assunto do dia, não sair da sala sem permissão, fazer a tarefa sem reclamar mesmo quando essa tarefa não lhe traz nenhum entusiasmo. Essas foram algumas cenas do cotidiano observadas na escola.

A proposta principal desse trabalho monográfico não é que os professores deixem de impor limites e regras aos alunos, mas que estes façam um trabalho diário de sensibilização com os alunos, mostrando-os, a cada oportunidade surgida, como deve ser o comportamento, fazendo os alunos refletirem sobre suas ações, colocando-se um no lugar do outro. Neste sentido, o trabalho contínuo do professor com os alunos tratando das questões afetivas fará com que o respeito e o bom relacionamento se tornem natural para todos que fazem parte daquele ambiente escolar.

Acredita-se que o trabalho deva partir da sensibilização também dos professores, pois se viu que até no planejamento dos professores contempla-se a imposição de regras, mas que na prática pouco acontecia, não era uma prática diária trazendo pouco significado para as crianças.

Diante da magnitude das problemáticas das relações afetivas entre professor e alunos encontradas na escola investigada, buscou-se durante o Estágio Supervisionado em Docência superar estes desafios, desenvolvendo um trabalho que proporcionasse as crianças sentir confiança no professor-estagiário. Foram criados laços de amizade e afeto, durante os dias do Estágio, não houve espaço para gritos, mau humor e castigo, mas não se perdeu a autoridade e sempre que era oportuno chamava-se a atenção, com muito cuidado, dos alunos para algum comportamento que não estava de acordo com o combinado desde o primeiro dia de aula do Estágio.

Portanto, fica a certeza de que os objetivos foram cumpridos para a melhoria das relações afetivas entre professores e alunos na educação infantil, na convicção de que é possível mudar, ou transformar a prática atual das instituições, sabendo que não é da noite para o dia, mas um processo que necessita do engajamento de todos os atores escolares.

REFERÊNCIAS

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BOGDAN, R.. BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Alegre: Porto Editora, 1994.

BRASIL, Ministério da educação. Secretaria da Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de qualidade para a educação infantil**. Brasília-DF: 2008. Vol. 1.

CHALMERS, A. F. **Reflexão sobre observação científica**. 1997. Disponível em: www.ucb.br. Acesso em 25/05/2010.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a História entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

FERNANDES, Cleoni Maria Barbosa; VIOLA, Solon Eduardo. **Autonomia e conhecimento: algumas aproximações entre Gramsci e Paulo Freire a partir da análise de prática pedagógica emancipatória**. Disponível em: www.inep.gov.br. Acesso em: 10/04/2010.

FONTES DOCUMENTAIS, **Diário de Campo**. Cajazeiras – PB. 24 de agosto à 17 de setembro de 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.

KULLOK, Maísa Gomes Brandão. **Relação professor-aluno: contribuições à prática pedagógica**. Maceió: EDUFAL, 2002.

LIBANEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

NEVES, L. A. **Memória e história: potencialidades da história oral.** Uberlândia- MG: ArtCultura, nº 6, 27-38, 2003.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: muitos olhares.** 7 ed.. São Paulo: Cortez, 2007.

_____, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PELOZO, Rita de Cássia Borguetti. **Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado enquanto mediação entre ensino, pesquisa e extensão.** Revista Científica Eletrônica de Ano Pedagogia V – Número 10 – Julho de 2007 – Periódicos Semestral. www.revista.inf.br.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar.** Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PORTFÓLIO – Arquivo dos Planos de aula e das atividades utilizadas no Estágio Supervisionado em Docência - Cajazeiras – PB. 24 de agosto à 17 de setembro de 2010.

RIOS, Terezinha Azêredo. **Dimensões da Competência.** In: Compreender e Ensinar: por uma docência da melhor qualidade. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 93-109.

RODRIGO, Jonas. **Estudo de caso Fundamentação Teórica.** Disponível em: concursos.oi.com.br. Acesso em 14 de setembro 2009.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva.** Petrópolis-RJ: Vozes. 2001.

SANTOS, Jurandir. **História oral, fontes documentais e narrativas como recursos metodológicos na educação.** São Paulo: 2008. Disponível em: www.jurandirsantos.com.br/.../Historia_oral_fontes_documentais_e_narrativas_como_recurso_metodologicos_na_educacao.pdf. Acesso em: 20/10/2010.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história.** Brasília: UNB, 4 ed., 1998.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Trad. Beatriz Afonso Neves.
Porto Alegre: ArtMed, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAIBA

ANEXO

ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Qual o seu nome?
2. Qual o nome da sua escola?
3. Você gosta da sua escola?
4. O que você costuma fazer na escola?
5. Qual o nome da sua professora?
6. Como ela lhe trata?
7. Você gosta de estudar com ela? Por quê?
8. Quando você faz algo errado, o que ela fala?
9. E quando você faz tudo certinho, o que ela fala?
10. Sua professora costuma brincar com você?
11. O que sua professora faz que você não gosta?
12. O que sua professora faz que você gosta?